

Terminou a fase Chão de Estrelas

Está chegando ao fim a fase Chão de Estrelas do governo de Fernando Henrique Cardoso. É certo que a vida de uma pessoa capaz de cunhar a expressão "amargo caviar do exílio" haverá de ser sempre um palco iluminado, mas só a cabrocha de Orestes Barbosa conseguia pisar nos astros distraída. A partir do momento em que a Polícia Federal grampeou o embaixador Júlio César Gomes dos Santos, o melhor que Fernando Henrique Cardoso tem a fazer é passar o trinco na porta do barraco.

A fase Chão de Estrelas foi um período de grandes fantasias. Em abril do ano passado, por exemplo, quando o candidato do PSDB desembarcou no Rio de Janeiro, perguntaram-lhe de quem era o jatinho que o transportara. "Vim para um jantar e não sei de quem era o avião", respondeu o candidato. O Learjet PT-LIG era da Líder, que por sua vez é de José Afonso Assumpção. Assumpção é o "Comandante" que no dia 22 de setembro passado informou ao embaixador Júlio

César que mandara servir "um jantarzinho" com um "vinhozinho daqueles" no jato que o levaria para um fim de semana em Miami.

Típica da fase Chão de Estrelas é a noção segundo a qual o presidente do Banco Central e o ministro da Fazenda podem cantar suas fantasias à custa das burras da viúva. Primeiro o Banespa, depois o Econômico, agora o Nacional. Enquanto isso, as carcaças dos bancos quebrados correm o risco de ser transacionadas numa teia de relações pessoais em que se misturam papéis que nem mesmo um prefeito analfabeto do interior deixaria tramitar por seu gabinete.

Na quebra dos dois grandes bancos privados e no grampo do embaixador há um mesmo e inquietante ingrediente de mistura das relações pessoais com a gestão da coisa pública. Isso não significa que todas as relações pessoais sejam corruptas. Pelo contrário, qualquer cidadão comum, desses que ficam com a conta dos radares e dos bancos, sabe que o seu círculo de relações é formado por pessoas quase sempre honestas e muitas vezes divertidas. O problema da relação pessoal é que ela é pessoal, enquanto o interesse público é público.

A fase Chão de Estrelas, durante a qual o presidente da República podia ir a um show em homenagem a Tom Jobim em Nova York, pisando distraidamente numa conta de 400 mil dólares cacifada por empresários, é hoje uma página virada para Fernando Henrique Cardoso. Seu risco é muito grande, porque a máquina da corrupção nacional tem alguns mecanismos lógicos. Em primeiro lugar, jantarzinhos, vinhozinhos e jatinhos, para ficar no campo dos diminutivos, não são propriamente propinas. São uma espécie de ritual de iniciação, onde mais importante do que dar é saber quem aceita. (Não foi à toa que o grande Príncipe de Talleyrand, tendo recebido uma oferta de 20 mil francos "com sigilo absoluto", respondeu: "Me dê 40 mil e conte a quem quiser.")

FHC vive num palco iluminado, mas pisa em bombas, distraído

A máquina da maracutaia se move de duas maneiras. Uma, a mais grosseira, se dá quando ela anda de dentro do palácio para fora. Exemplo: PC Farias voando no seu Learjet (o

Morcego Negro) para ir perguntar ao presidente da Petrobrás quais os bons negócios que rolavam no pedaço. O Coltrato foi um período em que o chapéu saía do palácio para a Avenida Paulista. Em geral prevalece um movimento no qual o chapéu fica na porta do palácio esperando que se abra uma porta. Se a do presidente está fechada, qualquer outra serve. No segundo governo Vargas abriu-se a portinhola do chefe da segurança, Gregório Fortunato. Nessa hora funciona um sofisma: Gregório tem a confiança de Getúlio, Gregório é ladrão, portanto Getúlio é corrupto.

O presidente Fernando Henrique Cardoso parece satisfeito com o que julga ser a associação de sua honorabilidade à rapidez de suas reações diante das denúncias das maracutaias. Assombra-se com o que julga ser espalhafato da imprensa ao noticiá-las, mas exagera. Seu governo não terá a estabilidade que precisa se continuar acreditando que a mágica das relações pessoais é um bálsamo político e administrativo que sempre pode ser controlado na instância d'El Rey. Caminha num campo minado, feito especialmente para quem gosta de pisar em estrelas.

SAO PAULO ESTADO DE